Formação cultural e agentes de escrita: o retorno do Jornalismo Literário e a renovação das formas de narrar[1]

Júlio César ARRUETA[2] (Universidad Nacional de Jujuy, UNJu, Argentina)
Marcio FERNANDES[3] (Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Brasil)

Resumo

Muito se transformou a sociedade desde que, nos anos 1920, Henry Louis Mencken cunhou a máxima de que o Jornalismo existia para afligir os confortados e confortar os afligidos. Esta equação, recorda Michael KUNCZIK (1997), em *Conceitos de Jornalismo*, está no cerne da prática jornalística, está em seu nascedouro, no final do século 16, na Europa. O chamado 'papel social do jornalista' ainda permanece com vigor na sociedade contemporânea. Compreender estas mudanças é parte essencial desse paper. Se, antes da assunção da Era Digital, falávamos em lead (como código linguístico base da escrita jornalística) e em termos como diagrama (representação visual de uma página de revista, por exemplo), agora nos deparamos no cotidiano das Redações com um vocabulário deveras distinto – Evernote, Google Drive, tags, Instagram, invites e outras palavras/termos -, que remetem a uma espécie de associação entre as Ciências da Comunicação e o universo dos aplicativos computacionais. Tal associação acaba por proporcionar novas potencialidades no modo de selecionar uma pauta, produzir uma reportagem e, sobretudo, difundir conteúdos. O papel social do jornalista não está sendo deixado de lado mas sobretudo sendo transformado, adaptado, estendido, caminhando mais e mais para uma praxis que é menos informativa e mais interpretativa. Isto é, mais literária.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Lead; Narrativas contemporâneas; Agentes da escrita; Papel social do jornalista

---

[1] Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Jornalista diplomado pela Universidad Nacional de Jujuy (UNJu), Argentina. Professor de Ciências da Comunicação na UNJu e consultor de Comunicação no Congresso Nacional Argentino. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidad Austral (Buenos Aires), Argentina. Coordenador da equipe argentina no projeto 'Cooperação bi-nacional Brasil-Argentina: fomento à interação entre Ciências Sociais Aplicadas e Inovação Tecnológica', financiado pela Fundação Araucária (Paraná, Brasil). E-mail: gaucho@arnet.com.ar.

[3] Jornalista diplomado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Professor do Departamento de Comunicação Social (Decs) e diretor de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Brasil. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil, com doutoramento-sanduíche pela Universidade de Lisboa (UL), Portugal. Coordenador geral do projeto 'Cooperação bi-nacional Brasil-Argentina: fomento à interação entre Ciências Sociais Aplicadas e Inovação Tecnológica', financiado pela Fundação Araucária (Paraná, Brasil). E-mail: marciorf@globo.com

Formação cultural e agentes de escrita:
o retorno do Jornalismo Literário e a renovação das formas de narrar[4]

Em uma obra capital da Produção Editorial brasileira, o escritor Nelson Werneck Sodré pontuou, no final dos anos 1960, o quanto o Jornalismo verde-amarelo havia se afastado do cotidiano das Letras já em meados do século 20, em um processo que se acentuaria nas décadas seguintes e veria seu ápice por volta de 1950, quando o modelo americano de noticiário adentrou com força em terras verde-amarelas, tornado o lead (e suas famosas seis perguntas) um código linguístico quase que obrigatório no meio.

Tal modelo, rememora-se, era lastreado em uma técnica que, supostamente, tornava o texto mais isento, imparcial e objetivo. Em *História da Imprensa no Brasil*, Sodré (2012: 436) precisou que, no alvorecer do século passado, "aos homens de letras, a Imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens". Mais: escreveu o autor que as "inexoráveis normas" (idem: 437) do Jornalismo estavam devorando as "colaborações literárias", fazendo aparecer estas como matérias à parte de um periódico e abrindo caminho "para os famigerados suplementos literários".

Agora, quando a chamada Era Digital está prestes a completar 20 anos no cotidiano das gentes, o que se percebe é uma espécie de retomada de uma tradição de escrita que remonta aos primórdios da Imprensa no e sobre o Brasil (algo como 1808 em diante) – a tradição do que se pode chamar de Jornalismo Literário. Que avançou enormemente nas contribuições de Machado de Assis muitas décadas depois. Que viu o talento de Rubem Braga, um dos grandes crônicas do País, florescer também na reportagem do conglomerado Diários Associados, na metade do século passado. Que teve na revista Realidade e no diário Jornal da Tarde dois expoentes do chamado New Journalism, um interessante viés aparecido também nos Estados Unidos, a partir de 1956 (segundo muitos autores), e levado adiante por nomes como Truman Capote, o célebre autor de *A sangue frio*, um livro-reportagem ainda sem igual, e *Bonequinha de Luxo*, a escandalosa (para a época) obra

[4] Esse paper contém diversas expressões em espanhol. Longe de desejar transparecer pedantismo, tais reproduções no idioma de origem objetivam preservar o sentido que cada autor das mesmas procurou dar. Em outros momentos, quando se considerava que a versão para o português não prejudicaria a legibilidade, recorreu-se à tradução.

romancista de 1961. E que, nestes tempos de mundo que se move em tempo real, encontra ressonâncias tanto em portais jornalísticos brasileiros como Universo On Line (UOL) Notícias e G1/Globo.com, além de magazines como Piauí e Rolling Stone Brasil. Ou então em cases latinos como o jornal argentino Página 12 e a revista (do mesmo país) Ñ, suplemento do diário Clarin. Ou mesmo em importantes publicações locais, a exemplo do periódico Já, de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), como se verá adiante neste estudo.

O que o presente paper almeja, portanto, é apresentar nuances de um diagnóstico sobre algumas incidências contemporâneas deste Jornalismo Literário no Brasil e na Argentina, notadamente nos referidos portais e em revistas como as acima mencionadas. Também intenta compreender as principais características do sistema de produção destes noticiários, apurando, por exemplo, a formação cultural de seus agentes de escrita (incluindo seu papel social), bem como as editorias (espaços temáticos) mais suscetíveis a esta interface Literatura / Jornalismo. Tais veículos, cabe ressaltar, configuram-se como uma espécie de escola para o mercado, seja por suas grandes audiências (o UOL e Globo estão entre as cinco maiores do País no segmento, conforme dados de 2011 da agência internacional ComScore), seja pelo status de publicações de prestígio obtido ao longo dos anos – caso de Piauí e Rolling Stone, enquanto espécie de *Eldorados* dos jornalistas, pela estrutura oferecida para a confecção de conteúdos ou, principalmente, pela liberdade estilística ali existentes. Ou ainda o já mencionado Página 12, uma publicação mítica de Buenos Aires, a capital portenha.

E, enquanto estudo inicial de um amplo projeto de pesquisa que deve durar dois anos (de abril de 2013 a março de 2015, envolvendo as Universidades Nacional de Jujuy/Argentina e a Estadual do Centro-Oeste/Brasil), admite-se que seja possível e pertinente traçar os aspectos inaugurais de panorama que retorne ao mesmo ano de 1808, data amplamente aceita como marco fundador da Imprensa no Brasil, pelo advento de Correio Braziliense, um magazine auto-denominado Armazém Literário. A partir deste instante também capital, pretende-se observar as semelhanças e distinções em diversos momentos destes dois séculos no binômio Literatura-Jornalismo, aí incluindo experiências estéticas sui generis como Os Sertões (cuja tiragem da edição inaugural, de 1902, era de 2 mil exemplares, um colosso para a época) ou a revista O Cruzeiro, o maior magazine da América Latina nos anos 1930 e 1940. Ou mesmo as parcas mas bem-sucedidas tentativas de Civic Journalism no País nos anos 1990, tendo-se o Civic Journalism como uma nova

forma de contar acontecimentos, como defendia seu criador, o americano Davies Merritt, de modo a estimular o senso de coletividade das pessoas, pela senda um jornalismo de texto mais afeito à crônica do que ao clássico lead jornalístico – aquele que estrutura sua argumentação nas clássicas seis perguntas *o que*, *quem*, *quando*, *onde*, *como* e *por qual motivo*, as tais normas inexoráveis sentenciadas por Sodré.

Está-se, enfim, diante de uma proposição que tateia pelo passado de duas grandes áreas – a Literatura e o Jornalismo – mas circula pelo presente de ambas e, em especial, depara-se com o futuro desta relação transdisciplinar. Em meio a tudo isso, está o interesse sobre como ocorre a produção de ideias a partir de fatos do cotidiano, o mesmo cotidiano que igualmente serve de sustentação para grande parte das escritas literárias e jornalísticas.

Apontamentos teóricos inaugurais

Mescla de cientista, militar e historiador, o grego Tucídides, em *História da Guerra do Peloponeso* (apud Michael Kunczik, 1997: 223), abordou com propriedade a questão do quão complexa é a causa da narrativa:

> Não me permiti anotar o que realmente aconteceu na guerra com base no primeiro ou no melhor informante, nem 'segundo a minha opinião', mas fiz, com toda a minudência e a maior precisão, um relato de experiências pessoais e de notícias de terceiros. Essa investigação foi difícil porque os depoimentos sobre os diversos fatos não foram todos descritos do mesmo modo, mas esmiuçados segundo seus pontos de vista ou da maneira com os lembraram.

Ao longo dos séculos, a narrativa sempre foi uma questão central tanto da Literatura quanto do Jornalismo. Tratemos aqui do segundo caso, o do Jornalismo: o mesmo Kunczik (idem: 22-23) recorda que, quando do aparecimento dos primeiros matutinos/vespertinos, na Europa de 1600, "editores de livros, administradores de correios, negociantes, diplomatas e outras pessoas com fácil acesso à informação foram os precursores em tempo parcial dos jornalistas". Em *Os dentes falsos de George Washington...* (2005: 41), Robert Darnton acentuou que, a seu modo, cada sociedade cria seus mecanismos de produção e consumo de conteúdos. E citou a famosa Árvore da Cracóvia, na Paris do século VXIII,

como um expoente centro de convergência e difusão das notícias, pela oralidade. Assim escreveu (idem):

> Cada sociedade desenvolve seus próprios meios de buscar e reunir informação; suas maneiras de comunicar o que reúne, quer ela use ou não conceitos como notícia ou meios, podem revelar muito sobre sua compreensão da própria experiência. Podem ser citados exemplos de estudos de salas de café na Inglaterra dos Stuart, salões de chá no início da China republicana...

O mesmo Sodré (2012: 429-430) relembra que, por volta de 1900, muitos escritores brasileiros se socorriam dos jornais como forma de sustento e de suporte à notoriedade, apontando nomes como Olavo Bilac e Alphonsus de Guimaraens, despejando na Imprensa sua capacidade de contação de histórias. Décadas após, Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese, conforme determinados autores, seriam igualmente cabeças da rede que se espalharia com força pelo mundo ocidental, a do New Journalism. O perfil do ator Marlon Brando, feito em 1956 por Truman Capote (e integrante do livro *Os cães ladram...*), é o que se pode chamar de *obra fundadora* de uma escola de escrita jornalística, mas sustentada pela narração literária – povoada de metáforas, de lirismos, de onomatopeias e de narradores oniscientes, características sempre louvadas desde então por muitos mas igualmente combatidas por parcelas significativas de sociedades como a americana. Não é demais indicar que, conforme Carlos Eduardo Lins da Silva (1991: 90), nos anos 1980, 87% dos moradores daquele país entrevistados em uma ampla pesquisa nacional defendiam que as reportagens jornalísticas deviam meramente se ater aos fatos, em detrimento de "muita interpretação". *A sangue frio*, de Capote, ressalta-se, fora publicado originariamente em quatro capítulos na revista *The New Yorker*, assim como *Medo e delírio em Las Vegas* (de Hunter Thompson, outro ícone do Jornalismo Literário) saiu primeiramente na Imprensa, antes de ser formatado em livro..

Sem desejar, entretanto, adentrar pela polêmica questão de ser o Jornalismo Literário uma categoria menor (ou maior) da Imprensa ou das Letras, considera-se que se está diante de um momento ímpar na trajetória da cultura noticiosa nacional – e mesmo da cultura de uma sociedade como um todo. As enormes possibilidades abertas pela Era Digital (Open Source Journalism, blogs literários de anônimos ou famosos, portais

multimídia sobre obras literárias, uso massivo de ferramentas como Google Drive, etc) acabam se configurando como um campo deveras fértil para uma espécie de reinvenção dos conteúdos jornalísticos, em que passa valer mais não a capacidade contar primeiro (algo conhecido pelo jargão 'furo de reportagem') dentro de uma técnica (a antes mencionada escola americana) mas especialmente o contar diferente, o contar mais sinestésico, algo mais afeito à prosa literária.

Citando Alfredo de Carvalho, José Marques de Melo (2009: 23) relembra que o Jornalismo Literário é um tanto como o francês *jounaux de lecture* do século 19, em que textos literários e educacionais pululam em publicações daquele país. E é justamente este jounaux de lecture que parece estar ganhando terreno nos tempos contemporâneos. Um dos primeiros indícios do que aqui se defende data de 2004, quando um dos mais respeitados jornalistas brasileiros, Renan Antunes de Oliveira, venceu o Prêmio Esso de Jornalismo (o principal do Brasil em seu segmento) com o texto *A tragédia de Felipe Klein*, no pequenino jornal de bairro Já (Porto Alegre, Rio Grande do Sul), em uma espécie de ode à presença literária no seio da Imprensa. Assim começava a prosa:

> Na noite do sábado 17 de abril, um corpo de aparência incomum foi levado pela polícia ao necrotério da Avenida Ipiranga. Tinha duas protuberâncias esquisitas na testa. O médico-legista abriu o couro cabeludo, abaixou a pele até o nariz e se deparou com algo muito raro: dois chifres implantados na carne, feitos de teflon. Cada um era quase do tamanho de uma barra de chocolate Prestígio.O cadáver estava todinho tatuado. Trazia argolas de metal nos genitais, mamilos, lábios, nariz e nas orelhas – e estas tinham orifícios da largura de um dedo. De entre os chifres saíam três pinos metálicos pontiagudos. A língua fora alterada: cortada ao meio e já cicatrizada, parecia a de um lagarto. É claro que Felipe Augusto Klein, morto aos 20 anos, nem sempre teve uma aparência assim. Nasceu uma criança saudável. Era o caçula dos cinco filhos do casal Lili e Odacir – o pai é um político influente, quatro vezes deputado federal, ministro de FHC e secretário estadual da Agricultura do governo Germano Rigotto.

Oito anos depois, Renan permanece no estilo que o consagrou, seja em materiais para veículos alternativos, como o blog Radar da Mídia, ou no referido UOL Notícias, como na reportagem de setembro de 2012 na qual contou a trajetória de um pretendente a vereador (conhecido como *candidato da maconha*) em Florianópolis (SC) acusado de distribuir santinhos em um papel com textura de seda. Renan, como outros tantos, é um exímio contador de histórias que, circunstancialmente, são reproduzidas em veículos de

Mídia – e não em livros ou outros suportes mais afetos à Literatura, ao universo das crônicas do cotidiano, as mesmas que, por exemplo, fizeram a fama inicial de um dos mais significativos escritores do século 20, o colombiano Gabriel Garcia Márquez.

Tal qual os autores brasileiros acima citados, Garcia Márquez, então escritor principiante - relembra Jacques Gilard, no prólogo de *Textos Caribenhos* (2006: 09) – buscou refúgio na Mídia inicialmente – em 1948, com 20 anos, publicara três contos em um suplemento literário de *El Espectador,* jornal da capital de seu país natal. Seria a partir desta experiência primeira que Garcia Márquez conseguiria espaço na Imprensa para se tornar repórter, cuja obra jornalística está reunida em cinco volumes publicados no Brasil na década passada – *Textos caribenhos* é o primeiro deles e contém textos brilhantes, como *O alemão do machado* (páginas 379-380), um primor de Jornalismo Literário.

Neste cenário, mais do que o estudo das causas e efeitos da mescla ao longo dos tempos destas duas categorias do universo cultural – o Jornalismo e as Letras -, o que se tem é a possibilidade de se descortinar aspectos de uma certa história cultural de determinadas sociedades. Marialva Barbosa (2010: 223), em *História cultural da imprensa – Brasil 1800 / 1900*, lembra que jornalistas e literatos são também leitores, ao mesmo tempo em que se enquadram como autores. Suas capacidades narrativas, então, são reveladoras de um cotidiano que, se recontado por meio do Jornalismo Literário, auxiliam sobremaneira no registro de acontecimentos que a chamada história oficial (ou versão oficial) nem sempre dá o devido cuidado. Não por acaso, portanto, escreveu Toninho Vaz, em uma das primeiras páginas de *Leminski, o bandido que sabia latim* (2001), a biografia que escreveu Vaz sobre o genial autor multifacetado chamado Paulo Leminski, morto em 1989:

> Este livro vai contar a história de Paulo Leminski Filho, o mais iluminado e reverenciado poeta curitibano. Esta biografia não pretende analisar o valor de sua obra e nem discutir a qualidade de seu trabalho – tarefa que deve ser delegada a quem de direito: os críticos literários. Aqui se pretende fornecer elementos que possam explicar a existência e a personalidade de um intelectual tão singular e criativo como Paulo Leminski, poeta responsável pela insurreição da fantasia, o autodenominado 'cachorrolouco', 'a besta dos pinheirais', 'o ex-estranho', 'o que chegou sem ser notado'.

O Jornalismo Literário, enfim, é a sagração de um princípio que, ao lançar mão de uma estilística diferenciada de narrar, deixa de lado a técnica fria do periodismo clássico, em buscar de, parafraseando Leminski, contar aquilo exatamente que a gente é e, sobretudo, nos levar além.

Outras influências do Jornalismo Literário: relato e responsabilidade do jornalista

À esta altura, é importante ter em vista que o Jornalismo Literário esteve condicionado, em seu surgimento, pelo Novo Jornalismo. Há quem os considere sinônimos. Este condicionamento se deu não apenas nos modos de apresentação das notícias mas também nos aspectos de responsabilidade social. Tom Wolfe, em seu clássico livro *El Nuevo Periodismo* (1976), aponta que havia um crescente interesse de homens e mulheres em meios de Comunicação capazes de aprofundar seu vínculo com os personagens entrevistados, com os contextos, com a exploração de aspectos da vida cotidiana e de formas inovadoras de expressão, enfim, formas essas bastante associadas às formas clássicas de textos literários. Cabe recordar que isso não era casual, já que o Jornalismo norte-americano começou a questionar, no final dos anos 1960[5], as formas com as quais os profissionais da Imprensa apreendiam a realidade e os modos como a transmitiam. Com respeito a essa situação, Wolfe (idem: 53) afirma (grafia original):

> En este nuevo periodismo no existen reglas sacerdotales: en cualquier caso todavía no…Si el periodista quiere saltar del punto de vista en tercera persona a otro en primera persona dentro de la misma escena, o dentro y fuera del punto de vista de diferentes personajes, o incluso de la voz omnisciente del narrador al monólogo interior de otra persona –como ocurre en The Electric Kool Aid Test- lo hace.

É, então, lógico pensar que as alterações que Wolfe descreve nas formas de abordagem e apresentação dos acontecimentos noticiáveis dos meios de Comunicação são consequência de um repensar das práticas jornalísticas e do rol social que cabe ao

[5] Wolfe atribui a ideia original deste conceito a Seymour Krim, redator-chefe de Nugget, e a Meter Hamill, jornalista responsável por escrever, em 1956, um artigo denominado 'New Journalism', fazendo menção particularmente ao que Gay Talese e Jimy Breslin vinham realizando. Concha Fagoaga soma a essa lista os nomes de Briton Hadden, Henri Luce, Lester Marcel, Jame Lienen e o influente Walter Lippman.

informador (o profissional da área) – e não somente aos conteúdos nos referimos, senão que também às modalidades de dizer uma notícia, modalidades essas que, na visão de Stella Martini (2000: 108), "respondem a diferentes agendas temáticas e classificatórias, que organizam o significado da leitura".

Esse assunto das novas narrativas, desde então, não saiu mais da mesa de discussões na área. Em 1988, por exemplo, um importante fato aconteceu: durante as II Jornadas Internacionais de Ciências da Informação, na Universidade de Navarra (Espanha), houve um intenso debate a partir do guarda-chuva 'A responsabilidade pública da figura do jornalista'. Os pontos amplamente debatidos podem ser considerados indícios reveladores sobre a força das novas narrativas. Carlos Soria, em um trabalho que se chamou 'A crise da identidade do jornalista'[6], almejou ordenar as discussões sobre o assunto, tentando pontuar claras reflexões relevantes. Disse ele (1988: 1969, grafia original), nos anais do evento:

> La profesión informativa está buscando, quizás, como ninguna otra, su propia identidad, ¿Existe esta profesión? ¿Qué le caracteriza? Antes incluso, ¿por qué parece que el periodismo y las profesiones informativas soportan una crisis endémica de identidad?.

Tais questões são, em consequência, uma reavaliação do papel que têm os jornalistas no tecido social bem como do alcance comunitário que podem gerar práticas jornalísticas determinadas pelo jogo de fatores internos e externos que circundam[7] esse mesmo papel. Não é casualidade, portanto, que Soria conclua dizendo que a "identidade da profissão informativa consiste em realizar a Justiça, cumprindo livremente o dever de informar (idem: 176)". Um enfoque nesse sentido acaba por inspirar e legitimar o jornalista que tenha uma base de valores globais com capacidade de entrar em contradição com tudo aquilo que move uma empresa jornalística clássica. Alfonso Sánchez-Tabernero, no trabalho que também apresentou nas II Jornadas, com o título 'Responsabilidade e autonomia do

[6] Carlos Soria também publicou, no mesmo ano, pela Mitre Editora (Argentina), um livro que chamou de 'A crise da identidade do jornalista', obra que serviu de sustento teórico e prático para sua participação nas II Jornadas, na Universidad de Navarra.

[7] Em 1987, à página 10, Carlos Fayt escreveu, sobre este tema, *Ciencia Política y Ciencias de la Información*. Ali, deixou claro que o estratégico papel que cumprem os Meios de Comunicação em suas vinculações com a Ciência Política (grafia original): 'Las ciencias de la información, dada su esencia de reflexión, sobre nosotros mismos, abren una perspectiva incuestionablemente valiosa. Merced a ellas, sigue siendo legítima la pretensión de la ciencia política de comprender la realidad como una conexión de sentido proyectada de antemano y esclarecer su anticipación y proyección'.

jornalista na empresa informativa', foi bastante preciso ao analisar a situação (1988: 58, grafia original):

> El carácter intelectual de las tareas redaccionales exige que, sobre la base de un pacto inicial –los principios editoriales asumidos- el periodista disponga de suficiente autonomía; de esta manera podrá considerar su trabajo como propio, formativo para sí mismo y útil para la sociedad a la que sirve.

Longe de acentuar as responsabilidades de autonomia dos proprietários dos meios de Comunicação, Sánchez-Tabernero eleva a discussão ao nível dos vícios internos rotineiros no exercício do Jornalismo e que, com destaque poucas vezes ressaltado, determinam os critérios de noticiabilidade e os mecanismos de manejo das fontes consultadas pelos profissionais (idem: 321, grafia original):

> Autonomía e integración constituyen dos requisitos necesarios para garantizar un óptimo trabajo redaccional […] pero deben ir acompañadas de algunas cualidades esenciales en la redacción. En el periodista, la profesionalidad supone conocer las necesidades informativas del público y determinar el modo adecuado de satisfacer esas demandas […] Tampoco escasean los ejemplos de quienes utilizan el poder de informar para satisfacer sus intereses personales.

Esta citação resulta ser útil para advertir que a responsabilidade do próprio jornalista também é determinante para a noticiabilidade em um meio de Comunicação e para as particularidades existentes nesse processo de construção da realidade. O caso é que os jornalistas, diz Soria, devem descobrir o caráter transcendental de seu trabalho e, mais, a necessidade de melhorar sua formação para que, dessa forma, participem decisivamente da propagação de atitudes mais democráticas.

E aqui surge um dos aportes mais relevantes que propiciam os estudos de Newsmaking (que avaliam, por exemplo, os graus de noticiabilidade) para a compreensão do processo produtivo informativo e sua relação com o contexto que o determina e, ao mesmo tempo, é determinado. Vincular, tal qual fez Soria, a qualidade das práticas jornalísticas com a responsabilidade social-profissional do profissional de Imprensa não é circunstancial. Os estudos de Newsmaking permitiram argumentar sobre a validade dessa

relação, já que a prática e a valoração jornalística não é estranha à estrutura da sociedade. Ao contrário, é um reflexo de interesses econômicos e políticos que demarcam a ordem social e regulam os valores coletivos. Essa não é uma ideia despropositada se temos em conta o número de debates que surgem de tempos em tempos sobre essa relação. É que, definitivamente, a informação tem uma função social relevante e é capaz de estimular o caráter plural de qualquer democracia.

Resulta também recordar aquilo que, com enorme propriedade, Gaye Tuchman percebia no livro *La producción de la noticia – estudio sobre la construcción de la realidad* (1983), ao afirmar que o profissionalismo de um homem da Mídia servia a interesses básicos dessa Mídia e às características institucionais-informativas às quais estava sujeito. Neste sentido, de seu turno, José Luís Macaggi descreveu, em *Manual del Periodista* (1991: 72), um procedimento padrão nas salas de Redação dos diários e que mantém estreita relação com a funcionalidade do próprio meio (grafia original):

> El jefe dispone la salida de cronista y reportero gráfico para cubrir un hecho. También distribuye material e indicaciones para que otros miembros de la redacción elaboren diarios. Al regreso el cronista entera al jefe de la naturaleza y magnitud de la noticia encomendada […] Una vez evaluada y aprobada la información, la jefatura decide cómo y dónde la publicará.

Nesse cenário, surge um dos trabalhos mais reveladores da história da produção de notícias. Lorenzo Gomis publicou em 1991 T*eoría del Periodismo – cómo se forma el presente*[8], um tratado que jogou luzes nos processos interpretativos que atravessam o Jornalismo, incluindo aquele de viés Literário. Influenciados pelos escritos brilhantes de 1968 de Peter Berger e Thomas Luckmann em *A construção social da realidade*, Gomis chegou a assegurar que, graças aos meios de Comunicação, percebemos a realidade social não com a fugacidade de um instante presente, senão que como um período consistente e objetivo, com uma referência geral (idem: 188). Continua Gomis (ibidem: 192, grafia original):

[8] Aqui, devem ser considerados trabalhos anteriores realizados pelo mesmo autor, como: *El medio media., la función política de la prensa* (1987); *¿Qué es noticia y por qué?* (1987); *¿Cuánto dura el presente?* (1988); *Disgusto de los políticos con los medios* (1988); e *Teoría dels gèneres periodístics* (1989).

> […] los diarios, los noticieros radiales, y los que difunden los diversos canales de televisión transmiten cantidad de noticias y por cada noticia que transmiten echan al cesto cinco, diez o quince que, de haberse difundido, hubieran sido consideradas igualmente noticias.

Essa seleção, conclui o autor, está marcada por decisões que se tomam segundo a lógica dos veículos e os critérios de quem seleciona as notícias, razão pela qual a valoração que se realiza da informação está articulada segundo preferências que dominam a organização. Prossegue Gomis (ibid):

> ¿Qué es el periodismo? Interpreta la realidad social para que la gente pueda entenderla, adaptarse a ella, y modificarla. El periodismo puede considerarse un método de interpretación sucesiva de la realidad social […] La interpretación periodística permite descifrar y comprender por medio del lenguaje la realidad de las cosas que han sucedido en el mundo y se completa con el esfuerzo de la significación y alcance que los hechos captados y escogidos para su difusión puedan tener.

Seguindo esse mesmo raciocínio, também podem ser nominados os trabalhos de Miguel de Aguilera (1985 e 1988), Leo Borgart (1985), Fraguas de Pablo (1985) e Manuel Martín Serrano (1986). De todo modo, ainda é válido recordar que foi Miquel Rodrigo Alsina, no livro *La construcción de la notícia* (1989), quem deu o primeiro salto no sentido de falar sobre os processos que acontecem na Mídia. Mais: Eric Saperas em *Los efectos cognitivos de la Comunicación de Masas* (1987: 149) recordou que "a construção da realidade social, definida como a produção de sentido mediante a ação de práticas produtivas e das rotinas organizativas da profissão jornalística", tendo bebido diretamente na fonte de pensadores como Giorgio Grossi (1984 e 1985) e, certamente, Gaye Tuchman.

Para onde caminha o Jornalismo, afinal?

Dito isso, vale refletir sobre o que segue: gostemos ou não, o código linguístico-mor do século 20, o lead, está minguando nas Redações latinas, grandes ou pequenas, produtoras ou não de conteúdos diários. O desafio cotidiano dos profissionais do Jornalismo torna-se, então, descobrir para onde caminhará a revolução em andamento. Neste cenário, pistas do que tende a ocorrer podem ser buscadas em escritos de um dos pais dessa mescla de Jornalismo e Literatura que entrou avassaladoramente no meio comunicacional décadas

atrás. Tom Wolfe, no mesmo *El Nuevo Periodismo* (1976: 9), sustentou sobre a revolução narrativa espetacular em curso na época:

> Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do Jornalismo com a menor intenção de criar um novo Jornalismo, um Jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevessem para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário... provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários, dotar a literatura norte-americana de sua primeira orientação nova em meio século...

Pois foi exatamente isso que aconteceu naqueles anos, algo que parece estar tomando força novamente, com o advento de um Jornalismo On Line, por assim dizer, e que está fazendo ganhar vigor o que Truman Capote chamou certa vez de 'romance de não ficção', em consonância também com Wolfe (idem: 12-13), o qual prescreveu (falando sobre os jornalistas literários):

> O que lhes conferia um traço em comum era o fato de todos considerarem o jornal como um motel onde se passa a noite em sua jornada a caminho do triunfo final. O objetivo era conseguir emprego em um jornal, permanecer íntegro, pagar o aluguel, conhecer "o mundo", acumular "experiência", talvez polir alguma imperfeição do seu estilo... logo, em um momento, deixar o emprego sem vacilar, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma casinha em qualquer lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final só poderia se chamar O Romance.

A tomar essas assertivas de Wolfe e Capote como válidas para se especular (no bom sentido) sobre essas novas narrativas contemporâneas e o papel desse agente da escrita que é o jornalista, cabe pontuar neste paper a visão que tem sido defendida pela jornalista, professora e pesquisadora Cremilda Medina, autora de um clássico da Comunicação latina – o livro *Entrevista, o diálogo possível*. Diz ela que os agentes atuais (e do futuro) das narrativas necessitam cada vez mais investir nos chamados conteúdos cosmotípicos, aqueles que, em detrimento aos conteúdos universais (generalizantes, portanto), focam seus interesses nas histórias de um grupo social, de um bairro, de uma região delimitada ou algo

similar. Sustenta ainda a pesquisadora que é da observação-experiência que surge a narrativa capaz de emocionar a audiência dos tempos atuais – e não mais os códigos linguísticos tradicionais. "Assim, a realidade é que formatará nossa estilística e não nossa estilística que formatará a realidade", ponderou a autora em uma conferência em maio de 2013, na cidade de Rio Verde, Estado brasileiro de Goiás. "O narrador só o é de fato quando é mediador e autor de uma assinatura cultural de um povo, de uma comunidade, de um grupo", arrematou. Enfim, nada mais apropriado para o Jornalismo Literário.

Referências bibliográficas

ALSINA, Miquel Rodrigo (1989). **La construcción de la noticia**: Barcelona: Paidós.

BARBOSA, Marialva (2010). **História cultural da Imprensa** – Brasil 1800 / 1900. Rio de Janeiro: Mauad X.

BLANCHOT, Maurice (1987). **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco.

BRIGGS, Mark (2009). **Jornalismo 2.0**: como sobreviver e prosperar. Austin: J-Lab / Knight Citizen News Network.

CAPOTE, Truman (2006). **Os cães ladram** – pessoas públicas e lugares privados. Porto Alegre: LP & M.

CHARNEY, Leo; SCHWARZ, Vanessa (2001). **O Cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify.

COSSON, Rildo (2001). **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: UnB.

DARNTON, Robert (2005). **Os dentes falsos de George Washington** – um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNANDES, Marcio (2009). **Civic Journalism**: em busca de um modelo brasileiro. Guarapuava: Edunicentro.

FRIEDLAND, Lewis; NICHOLS, Sandy (2002). **Measuring Civic Journalism's progress**: a report across a decade of activity. Madison: University of Wisconsin-Madison.

GILARD, Jacques (org., 2006). **Textos caribenhos, 1948 – 1952, Gabriel Garcia Márquez**. Rio de Janeiro: Record.

GOMIS, Lorenzo (1991). **Teoría del Periodismo -** cómo se forma el presente. Buenos Aires: Paidós.

KUNCZIK, Michael (1997). **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Edusp.

MACAGGI, José Luis (1991). **Manual del periodista.** Barcelona: Centro Técnico de la Sociedad Ínteramericana de Prensa-Comisión Mundial de Libertad de Prensa.

MARTINI, Stella (2000). **Periodismo, noticia y noticiabilidad**: Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

MELO, José Marques de (2012). **Journalism made in USA** – a brazilian perspective. São Paulo: Intercom.

_____ (2009). **Jornalismo, compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

OLIVEIRA, Renan Antunes de. **A tragédia de Felipe Klein**. Disponível em http://www.jornalja.com.br/pagina/detalhenoticia/id/12/url/detalhe.html

_____. **Justiça de Florianópolis proíbe santinho de "candidato da maconha" por parecer papel de seda**. Disponível em http://www.bol.uol.com.br/eleicoes/2012/noticias/redacao/2012/09/09/justica-de-florianopolis-proibe-santinho-de-candidato-da-maconha-por-parecer-papel-de-seda.htm

_____. **Vida e morte do blogueiro Mosquito**. Disponível em http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/vida-e-morte-do-blogueiro-mosquito.html

SILVA, Carlos Eduardo Lins da (1991). **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o Jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus.

SODRÉ, Nelson Werneck (2011). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo / Porto Alegre: Intercom / EdiPUCRS.

SORIA, Carlos, (1989). **La crisis de identidad del periodista**: Barcelona: Mitre.

THOMPSON, Hunter (2010). **Medo e delírio em Las Vegas**. Porto Alegre: LP & M.

TODOROV, Tzvetan (2002). **Memoria del mal, tentación del bien** – indagación sobre el siglo XX. Barcelona: Península.

TUCHMAN, Gaye, (1983). **La construcción de la noticia -** estudio sobre la construcción de realidad. Barcelona: Gilli.

VAZ, Toninho (2001). **Paulo Leminski, o bandido que sabia latim**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record.

WILLIAMS, Raymond. (2003). **Palabras clave:** un vocabulario de la cultura y la sociedad. Buenos Aires: Nueva Visión.

WOLF, Mauro, (2004), **La investigación de la comunicación de masas -** crítica y perspectivas. Buenos Aires: Paidós.

WOLFE, Tom (1976). **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Anagrama.